

Brasil



NOVO CANÇÃO DO RS

Sequestro e cordão humano

Roubo a banco aterroriza Amaral Ferrador, cidade de 6 mil habitantes



RESPOSTA OU REVANCHE?

Morte de mais um PM leva a outra megaoperação em SP, mas especialistas criticam estratégia

RICARDO GOMES E
FONTE: ABRIL/REUTERS
BRASIL/REUTERS

A morte do cabo da PM José Silveira Santos, ontem, em Santos, levou a uma resposta do secretário de Segurança de São Paulo, Guilherme Derrite, que se tornou a estratégia usual do governo Tarcísio de Freitas ao assassinato de policiais: megaoperações nos locais onde houve o crime. Especialistas alertam, contudo, que operações como a Escudo, lançada em julho do ano passado, se tornaram um ciclo de revanches sem efeito significativo nos índices de violência. Se por um lado a operação Escudo deixou 43 mortos na Baixada Santista desde julho, neste ano três policiais militares que participavam de megaoperações foram executados em 13 dias na região.

Além disso, os índices de criminalidade não dão tréguas na Baixada Santista. A área, principal alvo dessas ações policiais, viu o número de crimes violentos aumentar 14,5% de 2022 para 2023 (de 14.354 casos para 16.442), segundo a Secretaria de Segurança Pública (SSP-SP). As tentativas de homicídio saltaram de 220, em 2021, para 254 no ano seguinte e 283 em 2023.

Para o gerente de projetos do Instituto Sou da Paz, Bruno Langeani, "saturar o litoral paulista de policiais militares" gerou um número alto de mortes e pouco resultado na redução de indicadores criminais e na vitimização dos agentes.

— O uso dessa estratégia não levou ao enfraquecimento da principal facção criminosa do estado. Quando você passa três ou quatro meses com batalhões especiais, já não estamos falando em policiamento excepcional, mas rotineiro. Desgasta a estratégia e fatiga o policial.

A Escudo começou depois da morte do soldado da Rota Patrick Bastos Reis, no Guarujá. A primeira fase teve 28 mortes e tornou-se a intervenção policial paulista mais letal desde o massacre do Canduru, em 1992, quando 111 presos foram mortos.

Em 8 de setembro, três dias após o governo decretar o fim da operação, uma nova fase foi anunciada, após um policial ter sido morto e dois serem baleados em Santos e São Vicente. Durou até 1º de outubro e teve oito mortes.

Houve outras três etapas. Este ano, a operação foi na Zona Sul de São Paulo, no ABC, em Piracicaba e em Guarulhos, após quatro atentados a policiais em 18 de janeiro. Segundo a SSP-SP, as ações não resultaram em mortes, e a única ainda em andamento é a da Zona Sul.

A SSP-SP afirmou que este ano a Operação Escudo fez 46 prisões, 21 delas em flagrante, com 24 foragidos capturados e um adolescente



RAIO-X DA OPERAÇÃO ESCUDO

Entenda qual o objetivo da intervenção policial, onde ela já ocorreu e quais os resultados



"O que está acontecendo é o combate ao crime organizado. Existe um crime organizado muito instalado na Baixada Santista".

Tarcísio de Freitas, governador de São Paulo

"O uso dessa estratégia não levou ao enfraquecimento da principal facção criminosa do estado".

Bruno Langeani, gerente do Instituto Sou da Paz

Histórico



CRISTIANE DE ALMEIDA

O terceiro em 13 dias. José Silveira Santos foi assassinado por homem que morreu ao cair de prisão, segundo a polícia, agente da Rota foi executado na sexta-feira, depois de homicídio de PM em Cubatão no dia 26.

te apreendido. Em relação à Operação Verão, outra megaoperação lançada em dezembro no litoral, foram presas 313 pessoas e apreendidas 48 armas e 101,4 quilos de drogas. A secretária acrescentou que dos oito mortos em confrontos na Baixada este ano, quatro tinham passagens na polícia, por tráfico, furtos e roubos.

— O que está acontecendo ali é o combate ao crime organizado. Existe um crime organizado muito instalado na Baixada Santista — afirmou Tarcísio na terça-feira em Milão, na Itália, onde foi apresentar projetos de infraestrutura a investidores.

Em 2023, houve 353 mortes causadas por PMs em serviço em todo o estado. Foi um aumento de 38% em relação a 2022.

GABINETE TRANSFERIDO

Outro policial foi ferido no confronto em que Silveira foi assassinado. Um suspeito de atirar nos dois morreu ao pular do quarto andar de um prédio, segundo a PM. Derrite anunciou que irá transferir o gabinete da pastapara a Baixada e reforçar o policiamento para buscar integrantes do crime organizado. O secretário acrescentou que irá oferecer R\$ 50 mil por informações que levem à prisão do assassino do soldado da Rota Samuel Wesley Cosmo na sexta-feira. Segundo o secretário, o suspeito já foi identificado e a justiça autorizou a prisão. O nome e o rosto dele devem ser divulgados hoje.

O primeiro policial morto na região este ano foi o PM Marcelo Augusto da Silva, assassinado em Cubatão no dia 26. Silva trabalhava na Operação Verão, que teve sua atuação expandida com o assassinato. Derrite afirmou ontem que a Escudo e a Verão seguem o mesmo método.

— As estratégias são muito semelhantes. São enviadas equipes especializadas para que, em paralelo, a Polícia Civil possa fazer investigação, indiciamento e prisão.

Rafael Alcázar, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, diz que Derrite faz política com as operações:

— Fazia muito tempo que a gente não via dois policiais da Rota serem mortos em tão pouco tempo. Você tem uma política de segurança pública que está conduzindo os policiais para esse tipo de operação. O secretário pegou uma bandeira importante, que é a morte de policiais, e transformou em política.

Em dezembro, o Ministério Público de São Paulo denunciou dois agentes da Rota por homicídio durante a Escudo. Outros casos são investigados. Na terça-feira, o governador em exercício, Felício Ramuth (PSD), disse que "todas as situações de confronto são investigadas", mas que o governo "sempre apoia as forças de segurança".